



Entrevista

Professora Maria Auxiliadora de Oliveira Silva

Falando Livrementemente

Eu nasci em Xapuri, em 1949, e lá eu comecei os meus estudos. Em 1967, nós viemos para Rio Branco, morar no bairro Seis de Agosto. O meu dom toda vida foi ser professora. Eu nasci para ser professora. Neste mesmo ano, eu fui



apresentada ao Governador Jorge Kalume por meu Pai de criação que era compadre e amigo dele. Com a indicação e a afirmação do Governador de que eu estava empregada, eu fui me apresentar para Flavia de Barros Pimentel, secretária de Educação, à época. Já me chamando de Chuchu, nome pelo qual sou conhecida no município de Xapuri, me disse “você já está empregada”. Você vai trabalhar na Escola Maria Angélica, no turno da noite, e vai ensinar história e matemática.

Cheguei a minha casa e comecei chorar, porque eu não era boa aluna em matemática. Em Xapuri, da sexta para a sétima série eu passei na recuperação. Pensei! Deus meu, como vou ensinar matemática? A Solonir, esposa do Caio, minha vizinha, me deu o seguinte conselho:

– Chuchu, não chora, tu fazes o seguinte, tu pega os livros de Matemática e vai resolvendo os exercícios. Tu resolves o primeiro, resolve o segundo.

– Eu disse: é mesmo?

– Ela disse: é.

Eu parei de chorar e assim eu fiz. Comecei a resolver os livros e fui me apaixonando pela Matemática.

Eu gostaria de deixar bem claro que eu sou pedagoga. Eu não sou formada em matemática. Fiz o Ensino Médio na Escola Normal Lourenço Filho, depois, prestei o vestibular e cursei Pedagogia e continuei me apaixonando pela matemática, mas assim, estudando. Fiz didática, tanto no Ensino Médio, como na faculdade. E, graças a Deus isso foi muito bom para a minha vida, porque eu tinha o conhecimento das dificuldades da Matemática. Hoje, por onde eu ando, eu recebo agradecimentos.

Os meus filhos e meus netos foram meus alunos lá no Instituto Imaculada Conceição. Lá, ocorreu o seguinte episódio: na véspera de um dia de prova, minha filha Any chegou choramingando. Perguntei o que havia acontecido e ela me respondeu que seus colegas pediram uma cópia da prova, afirmando eles que sabiam que eu já havia dado a ela.

Eu contava isso pros meus alunos atuais, observando que, se eu tivesse feito isso com meus filhos, eles não seriam o que são hoje em dia. Graças a Deus, a Any é formada. Ela tem a didática e é formada em Economia, e a Grace é professora do Colégio Meta e também professora do Estado do Acre. Eu só tenho que agradecer a Deus por tudo isso, pelo conhecimento, enfim.

Era pra trabalhar 25 anos. Eu trabalhei 44. Mas, já perto do final da minha carreira, fui para casa chorando, depois de um dos dias em que atuei como professora efetiva. Então, a Any falou:

– Mãe, eu deixei o método de ensino tradicional, porque na vida tudo vai passando. Antigamente era o tradicional, mas chega uma época que nem os alunos o aceita mais.

Eu comecei voltar da escola pra casa, sempre chorando. Então, Any foi ao município de Cacoal, em Rondônia, fez uma pós-graduação em Didática e foi trabalhar também no Instituto Imaculada Conceição. Eu fiquei encantada, depois que nós começamos a trabalhar com projetos. Ela me explicou e me orientou como trabalhar de uma nova maneira. A gente ensinava a teoria matemática até o término do primeiro semestre. Do segundo semestre em diante, ao invés de eu

ensinar para eles, eram eles que montavam um projeto de estudo, observando o tema, introdução, desenvolvimento e a conclusão. Eles que iam buscar os conhecimentos.

Lá no colégio tinha uma sala própria para isso. Uma sala climatizada. A gente ia pra lá e assistíamos as apresentações dos trabalhos. Quando os alunos chegavam à sala de aula, eu já começava a aprender com eles. Por outro lado, eles aprendiam muito mais do que quando eu estava ensinando. Foi uma benção na minha vida.

Depois que a Any saiu da Escola e seguiu a profissão dela que é de economista, eu continuei e fiquei ensinado Matemática. Mas, hoje em dia, em alguns casos, quando o aluno tira nota ruim, acabam culpam o professor. Muitas vezes os pais nem conversam com seus filhos. Além disso, hoje em dia você não pode mais por limites em algumas crianças e adolescentes. E eu percebi que era hora de parar quando a mãe de um de meus alunos foi até a Escola e agrediu-me verbalmente sem me dar chances de falar. Já faz três anos que eu parei.

Mas, eu só tenho que agradecer a Deus, pela minha profissão, pela minha família. Ter lecionado também significou uma felicidade na minha vida.

Pergunta: Professora, a senhora lembra-se de alguma referência bibliográfica?

Lembro-me sim. Gostava muito do livro daquele Giovanni, e demais também do livro do Bianchini. Esses aí são os que eu mais gravei na minha memória.

Pergunta: Como que a senhora gostava de dar aula? A senhora falou que ensinou uma época usando o método tradicional?

Eu ensinei uma época pelo método tradicional. A forma tradicional é aquela na qual você é quem diz e determina tudo. Mas também aprendi a ensinar utilizando uma nova metodologia, na qual é permitido aos alunos buscar o conhecimento e também transmitir para gente. Essa prática de ensino me emocionava muito.

Pergunta: A senhora influenciava essa busca?

Sim, influenciava. Eu os ensinava a fazer projetos de estudo, era tudo na base de projetos. Eu aprendi a usar essa metodologia com minha filha Any e passei a praticar.

Pergunta: Lembra-se dos alunos?

Lembro. Por onde eu ando hoje em dia ouço muitas palavras de agradecimento. Em muitos casos meus, ex-alunos me reconhecem, mas para eu reconhecê-los é mais difícil.

Pergunta: Em quais escolas a senhora lecionou?

Eu comecei a dar aulas na escola Maria Angélica, depois fui dar aulas na Escola Marechal Arthur da Costa e Silva-Ética (José Rodrigues Leite). Nesse tempo, a Francisquinha, do Moacyr, era diretora da Escola Aluysio Carneiro Dantas. Como ela havia sido minha colega de sala e seus filhos haviam sido meus alunos, ela conhecia a minha capacidade de trabalho e, por isso, me contratou como professora daquela Escola. Foi ela quem conseguiu um contrato de ensino pra mim, junto à Prefeitura de Rio Branco. Como a Prefeitura de Rio Branco tinha convênios com o Instituto Imaculada Conceição, eu fui encaminhada para dar aulas lá também. Só naquela Escola fiquei 30 anos.

Pergunta: O que a senhora está achando do ensino da matemática nos dias atuais?

Fica um pouco difícil para o professor, que não pode mais botar limites. O aluno pode fazer o que quer, inclusive sair da sala de aula. Nas minhas turmas, eu não permitia o uso da calculadora. Para fazer os cálculos os alunos tinham que saber a tabuada. Inclusive, eu tenho aqui um exemplo de uma tabuada, diferente daquela tradicional, que, a meu ver, é mais fácil deles aprenderem. Essa daqui eu ainda divulgo, através de cópias que eu vou distribuindo. Já está toda amarrotada. Ela vai e volta. Eu também não deixava usar o celular. Pelo que eu vejo, hoje em dia, isso é permitido por alguns professores.

Considerações finais: O meu sonho era ser professora. Sempre convivi bem com meus colegas. E quero mencionar o professor Airton, que me ajudou muito. Ele é professor de Física.

Deus é muito bom comigo, porque eu tive dificuldade em aprender Matemática. Fui aprendendo com o dia a dia. Fiz Pedagogia e passei então a ter facilidade para mostrar os caminhos para os meus alunos.

Eu ainda continuo incentivando as pessoas. Quando alguém me diz que não gosta de Matemática, eu conto a minha história como exemplo. Chegada a hora em

que você tem que aprender, é só você querer e se dedicar. Se você quer, você é capaz e vai conseguir.

Recentemente me mandaram um convite para receber uma homenagem, no próximo mês de dezembro, na Câmara dos Vereadores. Eu aceitei o convite, juntamente com vários professores de matemática.

Por fim, eu também quero agradecer a oportunidade de, nesta entrevista, poder contar um pouco da minha história como professora de Matemática.

Professor Edmundo Costa da Silva

Falando livremente

Eu sou de Assis Brasil, do seringal. Não tive dificuldade em Matemática, mas sim, em Língua Portuguesa, porque a localidade em que eu vivia fazia fronteira com o Peru. Então, a gente misturava os idiomas Português e Espanhol.



Vim para cá em 65, 66, fazer o curso de admissão, mas, lá (Assis Brasil), era tudo em Espanhol. Nunca tive Português, História do Brasil. Isso tudo tive que estudar sozinho. Fiz a admissão e passei na primeira fase, lá no Colégio Acreano. Meu professor de Matemática, na quinta série, foi o Pelegrino, na sexta, Alcides Dutra, na sétima, o prof. João de Almeida e, na oitava, foi meu irmão Aquileu.

Em um dos episódios que aconteceu comigo, o Alcides Dutra me mandou para o quadro escrever “João nasceu” e eu não sabia escrever “nasceu”. Então ele me chamou de “burro”, o que meus colegas tentaram justificar, dizendo que eu era peruano!

Na oitava série, eu fui servir o exército e por isso tive que estudar à noite. Eu dormia muito em sala de aula. Então, nos informaram que os alunos que tinham

mais de 20 anos podiam fazer o segundo grau (hoje chamado de ensino médio), em menos tempo, cursando o Supletivo. Eu fui um dos que foi fazer. Depois, prestei o vestibular para Matemática, passei, e comecei a graduação. Quando estávamos no 5º período, surgiu uma oportunidade e eu fui participar do Premen-Programa de Expansão e Melhoramento do Ensino, oferecido pelo Cecine-Centro de Ensino do Nordeste, em Pernambuco. Depois, então, eu voltei para Rio Branco e comecei novamente a ensinar. De início, ouvi muitos pais falarem que não podiam ajudar os filhos com “essa Matemática moderna”. No caso se referiam aos números naturais, números inteiros e teoria dos conjuntos.

Lembro-me que fui substituir o professor Jesus, meu irmão, que preferiu priorizar as suas outras atividades no Incra. Quando cheguei, fiquei na porta da sala, esperando os alunos da sexta série. Quando a inspetora me viu ali parado foi logo dizendo: entra, meu filho, o professor vai logo chegar. Até o Diretor, prof. Raimundo Gomes de Oliveira, dizia também que eu tinha a “cara” de um menino. A inspetora, até eu deixar de ensinar naquela Escola, me pedia desculpas, sempre que me encontrava.

Também assumi as turmas do Jesus, no Colégio São José. Aconteceu outro episódio. Eu estava em sala de aula, na quinta série, com exercícios de “pertence” e “não pertence”, e apareceu um exercício com verbos da primeira conjugação, e eu pensei: lascou-se! Mas a classe respondeu: pertence! E eu disse: está certo, antes que alguém me perguntasse por quê? Depois fui ter com o professor de português, que, junto com a direção da escola, me chamaram a atenção para o fato da necessidade de saber bem o português.

Mas sempre fui ruim de Português. Só pra dar mais um exemplo, quando eu estudava, tinha uma menina que era fera em Português. Sentei perto dela, no dia de uma das provas. Acho que a prova tinha peso 2. Aí pra eu tirar uma nota boa, pedi para ela fazer a prova e me passar as respostas. Assim ela fez e eu copieei tudo. Quando a professora entregou as provas, ela havia tirado 9,5 pontos e eu 4,5 pontos. A menina disse: nem colar você sabe? As provas eram diferentes!

Sobre o comportamento dos alunos em sala de aula?

Eu nunca tive problema com aluno em sala. Eu via, no colégio, os professores sofrendo com os pais que não gostavam que seus filhos fossem

advertidos na frente dos colegas. Na minha época de aluno, o aluno que não se comportava, pegava uma lapada bem boa, ficava calado e, se reclamasse em casa, apanhava novamente.

Pergunta: e referências bibliográficas?

Recordo-me dos autores Márcio Brandão, Osvaldo Sangiorgi e de um que tinha sete autores. Acho que um deles era o Iezzi.

Pergunta: Você deu aulas no Colégio Meta?

Sim. Comecei em 1979.

Pergunta: Tinha diferença entre o ensino público e o ensino privado?

Sim, tinha muita diferença. No colégio particular, os pais dos alunos acompanhavam e cobravam. Já, na escola pública do Estado, a coisa era mais largada. Mas havia aluno bom, tanto no colégio particular quanto, na escola pública. Inclusive, quando eu dava aula no Sesi, um aluno do colégio Meta foi para lá e dava show. Não dava para notar a diferença. Acho que isso depende também do professor. Tem uns que trabalham da mesma maneira, no ensino público e no ensino privado. Tem outros que você pode dar salário de deputado, que a aula deles não muda. Na verdade, não têm comprometimento nenhum.

Pergunta: O que você acha do material apostilado adotado pelo colégio Meta?

Era tudo resumido e tínhamos que trabalhar uma apostila em cada um dos quatro bimestres. Então, eu planejava e aplicava outras atividades complementares.

Pergunta: Como você está vendo hoje o processo de ensino e aprendizagem?

Eu não sei como está hoje, mas até 2007, eu via que a cada ano caía mais o nível de ensino. Eu dizia para o Itamar: se eu aplicar hoje uma prova que eu aplicava há dez anos, nenhum desses meninos faz. Por exemplo, eu não os deixava usar máquina de calcular. Sempre os advertia sobre a possibilidade de a máquina quebrar e de que não custa nada fazer as contas que eles aprenderam. Hoje em dia, se o professor passar uma conta de dividir, tem aluno que não sai do lugar. Se colocar fração ou número decimal, então é que não sai mesmo.

Acontece é que o sistema quer que o aluno passe. Se ele sabe ou não sabe, não interessa. Tinha aula de recuperação. Eram propostas 10 questões para os alunos resolverem e estudá-las. Depois, era isso que caía na prova. Um questionário. Assim, tinha aluno sem condições de passar para o próximo ano, mas, no conselho de classe diziam: “mas ele é tão bonzinho, deixe-o passar!”.

Pergunta: você se lembra de seus professores da Universidade?

Sim. Lembro-me de Zé Vicente, Aldair, Ribamar, um de Física, ele dava aula em várias escolas e na Universidade. O professor Hermínio. Muito ocupado. Uma vez, ele deu uma prova e nela eu consegui nota 5,0 ou 6,0 pontos. Percebi que minha nota estava registrada como 8,0 pontos, por estar sentado bem na frente e perto da mesa em que ele ocupava. Perguntei a ele se aquela era mesmo a minha nota, pois eu achava que tinha tirado só 6,0 pontos. Então, ele respondeu tranquilamente: sim! Agora, os 2,0 pontos a mais é por conta de um trabalho que não deu tempo de passar para vocês.

Pergunta: Hoje, se você pudesse voltar no tempo, que profissão você escolheria?

Sei não. Brincadeira! Falavam-me para pegar outros contratos e eu não aceitava, justificando que não queria pegar depressão. Ainda tentei ser bancário. Fiz um concurso na Caixa Econômica e passei nas provas de conhecimento, mas não consegui passar na prova de datilografia. Tinha um cara do meu lado e ele escrevia rapidamente. Enquanto eu procurava as teclas, o cara datilografava rapidamente.

Eu fazia faculdade e dava aula. Tinha dia que eu tinha que sair antes da aula terminar. Muitas vezes dormia 3 ou 4 horas por dia. Mas eu gostava. Apesar de que tinha turmas que eu chegava bem animado pra dar aula e outras que eu ia empurrado. O trabalho do professor não tem aquela rotina. Cada dia tem alguma coisa diferente. Nenhuma aula é igual à outra.

Professor Aquileu José da Silva Filho

Falando livremente

Justamente como Edmundo falou: nós, apesar de brasileiros, fomos criados praticamente no Peru. Quando viemos de lá, no meu caso, eu já vinha com o 2º grau (hoje Ensino Médio) completo. Chegamos entre 65 e 66 e eu logo fui fazer vestibular



para Direito. Ainda bem que deu para passar, apesar de eu achar que não sabia nada. Como não havia trabalho naquele tempo, fui para o magistério mesmo e comecei a lecionar, preparando as turmas para o exame de admissão. Como não havia professores para todas as matérias, eu me vi obrigado a lecionar mais de uma disciplina e foi aí que comecei a gostar de matemática, português, história e geografia.

Numa dessas turmas em que eu lecionei todas as matérias, os alunos que estudaram sob minha orientação, por incrível que pareça, passaram em todas as disciplinas do exame de admissão. Aquilo ali me deu ânimo, me deu força e eu continuei lecionando.

O sucesso desses alunos chamou a atenção do professor Peregrino que, apesar de não me conhecer, deu um parecer favorável ao meu trabalho, ao comentar com o professor João de Almeida que eu tinha certa desenvoltura em Matemática. Então, depois da correção das provas, o João de Almeida veio falar comigo. Perguntou onde eu lecionava e eu o disse que não lecionava regularmente em nenhuma escola. Em seguida, ele me perguntou se gostaria de lecionar, o que respondi que tinha interesse sim.

Nisso, aparece um curso de aperfeiçoamento dos docentes do ensino secundário-Cades, em Manaus. O mesmo professor João me convidou e, mediante o meu aceite, falou sobre a minha ida com o professor Raimundo Gomes, que era o

diretor do Colégio Acreano. Só aí já foi meia bandeja andada. Fui para Manaus, e lá, fiz o aperfeiçoamento para começar a lecionar. Agora uma coisa interessante, gente, eu, que não lecionava modéstia, à parte, já me comparava a muitos que há meses lecionavam matemática. Nesse sentido, o meu irmão Edmundo observou que, apesar do cara estar fazendo o curso de Matemática, ainda se enrolava quando o assunto envolvia fração decimal.

Já no Colégio Acreano, depois de conseguir uma vaga, através do João de Almeida, peguei minha primeira turma, que foi uma quinta série. Fiquei três meses na quinta série. Depois de mais três meses, eu terminei o ano ensinando Matemática para três quintas e uma sexta série. No ano seguinte, além de pegar as turmas que eu já tinha lecionado, peguei uma turma mais adiantada e me vi obrigado a estudar mais para dar aula. Quando cheguei ao quarto ano, ou seja, na oitava série, o domínio dos conteúdos das séries que ficaram para trás já era página virada para mim. Dei aulas até o ano de 1977. Trabalhando no Colégio Acreano, na Ética, na escola normal, no Ceseme, e no Instituto Imaculada Conceição.

E sobre sua formação em Matemática?

Aquele loirinho de matemática da Universidade, que vocês falaram agora pouco o nome dele, Aldair. Ele morava em frente lá de casa, gostava muito de mim, muitas vezes ele chegava lá da Universidade com aquele jeitinho dele e dizia: Aquileu vem cá. Resolve esse problema aqui, que eu não consegui resolver. Será que você resolve? Eu dava uma direção para a resolução do exercício, ele agradecia e se mandava.

Depois, ele me convenceu de ir fazer o curso de Matemática. Eu fui por causa dele. Fiquei até o terceiro ou quarto período e abandonei, porque, trabalhando no planejamento, na área ligada ao setor da Sudam, eu viajava muito, mais do que caixeiro viajante. Muitas vezes eu chegava de viagem na época das provas na faculdade, e tinha que fazer essas avaliações depois de perder várias aulas. Mesmo assim, eu passava e, às vezes, tirava nota melhor do que aqueles que não perdiam uma aula. Aquilo sinceramente me chateava. Por isso, decidi abandonar tudo.

Pergunta: Era possível conciliar os trabalhos que o senhor desenvolvia na sala de aula com a Faculdade de Direito?

Teve uma época, por exemplo, que eu saía de casa seis e meia para começar a dar aula no Colégio Acreano às sete horas. Saía de lá às onze horas. Não ia nem em casa almoçar, porque não dava tempo. Saía de lá, ia para o Colégio das freiras. Chegava lá, começava a aula uma hora. Quando davam três horas, saía de lá e ia para a Escola Normal. Ainda bem que era perto. Quando davam cinco horas, saía da Escola Normal e ia para Universidade, por conta da faculdade de Direito, que era ali onde era o prédio do Banacre. Eu ia tomar café, almoçar e jantar onze horas da noite, em casa.

O doutor Gerson era o diretor da faculdade de Direito. Um dia, ele me chamou para dizer que havia percebido que eu estava com muita falta. Eu justifiquei que tinha que dar aula à noite, no Colégio Acreano. Entrava sete e saía às onze. Então ele pediu que lhe fizesse o favor de pegar uma declaração dos meus horários de aula. Então fui à Escola falar com o professor Raimundo Gomes, o Diretor do Colégio Acreano. Ele pediu que me fosse dada a declaração e eu a levei para a faculdade, com as informações de que de segunda a sexta, das sete às onze, eu dava aulas naquela Escola. O Gerson, então, lamentou a minha situação, mas eu falei que não podia fazer nada. Ou estudava ou trabalhava para alimentar minha família. Então ele decidiu me ajudar. Continue dando tuas aulas. Quando você puder vir, você vem. O que não puder, no final do mês, eu abono tuas faltas, ele disse. Aí eu senti o peso da responsabilidade nas costas. Como eu não assistia às aulas, nos sábados e domingos, eu me reunia com outros colegas que assistiam às aulas e íamos estudar. Na época das provas, os outros colegas ficavam admirados com o meu desempenho. Nem sabiam o duro que eu dava para conseguir me formar.

Depois, eu passei a lecionar Matemática, já formado em Direito. Lembro-me que o Procurador Geral, à época, me chamou e disse que eu não poderia continuar trabalhando assim. Que a Matemática e o Direito são áreas completamente diferentes, incompatíveis. E que, se eu quisesse continuar lecionando, escolhesse uma área de ciências humanas, português, história ou geografia. Qualquer uma dessas servia. Então, eu larguei a Matemática. Nessa época, eu lecionava só no Complexo escolar de Ensino Médio-Ceseme.

Pergunta: e referências bibliográficas?

Eu não seguia um livro específico, mas indicava um dos que estavam disponíveis na época para que os meninos pudessem se orientar nas leituras. Eu costumava indicar Ary Quintela ou Osvaldo Sangiorgi.

Um dia, mostrei aos alunos da sexta série o livro do Márcio Brandão, dizendo a eles que o livro dele era bem didático e que eu também o usava para planejar as aulas. Como eu os advertia de que o bom aluno deve estar preparado para as provas igual a um soldado que vai para a guerra, elaborei uma avaliação, onde 80 por cento dela foi composta por exercícios resolvidos naquele livro. Achei que ia pegar a turma toda, mas foi a melhor nota que a sala já tirou. Eles haviam resolvido todos os problemas antes da prova. Achei bonito, porque motivava a turma a estudar mesmo. O assunto em questão tratava das coordenadas cartesianas. Eu fazia o pessoal resolver todo o livro. Com isso eles acabavam aprendendo e fixando bem os conteúdos.

Pergunta: Você se lembra de ter tido algum problema com alunos em sala de aula?

Eu mesmo não, mas eles às vezes tinham comigo. Eles me chamavam de professor fominha, porque eu, além de não faltar, não gostava de perder tempo. E então, quando eu pegava o último horário, eles já sabiam, eu entrava e ia direto para o quadro. Quando tocava a campainha, ia fazer a chamada. Eu chamava o camarada e, depois dele responder, podia sair de sala. Lembro-me de um episódio que ocorreu na oitava série. Estava chamando fulano, fulano, fulano e ouvi um blamamblum! Olhei e disse: rapaz o que foi isso? Um dos meninos respondeu dizendo que Fulano ia saindo e chutou a cadeira. Antes de chamar os últimos alunos, pedi que um deles fosse chamar o chutador. Ele voltou. Um rapagão! Acabei de fazer a chamada e ele perguntou se havia mandado o chamar? Então eu o perguntei se ele havia chutado mesmo a cadeira. Ele disse que sim e eu o adverti de que um rapagão tão bonito como ele, já na oitava série, deveria levar a sério a instrução que recebia e ser também educado. Continuando, eu pedi que, se ele não me respeitasse na qualidade de professor, respeitasse ao menos os seus colegas, inclusive, observasse que na sua turma havia uma senhora gestante e que foi feio o que ele havia feito. Depois de escutar tudo calado, ele perguntou se eu já tinha terminado e eu disse já. Então ele disse que pensou que eu ia dar a ele pelo menos

três dia de punição. Então, falei: eu não pensei nisso, mas, já que você quer, coloquei a mão no ombro dele e saímos até encontrar o inspetor Alberto. Pedi que ele o levasse até a direção para que ele fosse punido com três dias de suspensão. O Alberto, mesmo pensando que era brincadeira minha, chegou à diretoria com o aluno e falou: Professor Raimundo, Aquileu mandou pedir três dias de punição para esse aluno. Então, o Diretor perguntou o que ele havia feito e ele contou tudo em detalhes. Isso foi o bastante para que o professor pedisse à sua secretária, a senhora Raimundinha, que desse, ao invés de três, seis dias de suspensão, sendo três dias por sua conta.

Graças a Deus, a parte de comportamento, naquele tempo, era muito boa. Depois surgiu a tal de psicóloga, o orientador escolar, e hoje, pelo que eu sei, o professor não pode nem chamar a atenção do aluno. Isso, eu acho, tira a autoridade do professor.

Pergunta: O senhor quer acrescentar mais alguma coisa?

Sim. Eu quis voltar a estudar Matemática, mas meu irmão, Jesus, e o professor Magnésio logo me disseram que eu, estando velho daquele jeito, estava ficando louco e não devia mais sentar em cadeira de estudante. Sinceramente, isso foi um balde água fria.

Eu sempre digo que se eu tivesse concluído o curso de Matemática, hoje eu não estaria sem fazer nada. Poderia estar dando aulas, porque eu gostava muito de ensinar.

